

OS FILHOS

A sentença ~ O fogueiro ~ A metamorfose

Franz Kafka

Tradução ~ Isabel Castro Silva

*Quando saíres a caminho da ida para Ítaca,
faz votos para que seja longo o caminho,
cheio de aventuras, cheio de conhecimentos.*

KONSTANDINOS KAVAFIS



Os filhos
A sentença ~ O fogueiro ~ A metamorfose
Franz Kafka

Título original: *Die Söhne*
Das Urteil ~ Der Heizer ~ Die Verwandlung
1.ª edição: Março de 2016
© Ítaca, 2016

Tradução: Isabel Castro Silva
Revisão: Madalena Fragoso
Design: Susana Cruz
Capa e paginação: Ítaca
Imagem da capa: © Alexandre Coelho Lima @alexcoelholima
Impressão: Europress

Seguiu-se nesta tradução a edição crítica das *Obras Completas* de Franz Kafka:
Drucke zu Lebzeiten, BORN, Jürgen, NEUMANN. Gerhard, PASLEY, Malcolm,
SCHILLEMMEIT, Jost (eds.), S. Fischer Verlag, Frankfurt am Main, 2002

ÍTACA
CALÇADA CONDE DE PENAFIEL, 28 – 2.º D.º
1100-158 LISBOA
EDITORIAL@ITACA.PT
WWW.ITACA.PT

Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido nem transmitido, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou outros, sem autorização prévia por escrito da Editora.

ISBN 978-989-99470-4-7
DEPÓSITO LEGAL 407114/16

ÍNDICE

A sentença	7
O fogueiro	25
A metamorfose	65

**A SENTENÇA
UMA HISTÓRIA**

Era uma manhã de domingo da mais bonita Primavera. Georg Bendemann, um jovem comerciante, estava sentado no seu quarto privativo, no primeiro andar de uma das casas baixas, de construção frágil, que se estendiam num longo renque pela margem do rio, diferentes quase só na altura e na cor. Acabava neste preciso momento de escrever uma carta a um amigo de juventude que agora vivia no estrangeiro, fechou-a com um vagar teatral e, de cotovelos pousados na mesa, olhou pela janela, para o rio, para a ponte e as colinas de um verde esbatido na outra margem.

Ficou a pensar em como este amigo, insatisfeito com as perspectivas que tinha no seu país, literalmente fugira anos antes para a Rússia. Geria agora um negócio em Petersburgo, que no início corraera bastante bem mas que havia algum tempo parecia estagnar, lamentava-se o amigo nas suas visitas cada vez mais raras. E assim se matava ele a trabalhar no estrangeiro para nada, a barba estrangeirada só a custo lhe cobria o rosto, tão familiar desde os anos da infância, cuja tez amarelenta parecia indiciar uma doença. Segundo contava, não mantinha nenhuma verdadeira relação com a comunidade dos seus conterrâneos em Petersburgo, mas também pouco convivia com as famílias da cidade, e assim se resignava a uma vida de celibato permanente.

O que escrever a um homem que, como ele, chegara claramente a um impasse, de quem nos podemos com- padecer mas não ajudar? Aconselhá-lo talvez a voltar para casa, a tratar da sua vida aqui, a reatar todas as antigas amizades – ao que aliás nada obstava – e em tudo o resto a confiar na ajuda dos amigos? Isso, porém, montaria a dizer-lhe – e quanto mais compreensivo o tom, maior a ofensa – que os esforços que até agora envidara haviam falhado, que devia desistir deles, que tinha de voltar e deixar que todos mirassem o retornado de olhos arregalados, que só os seus amigos sabiam o que faziam e que ele era uma criança adulta que simplesmente teria de seguir os companheiros bem-sucedidos que haviam ficado no país. Além disso, seria certo que todos os tormentos que necessariamente lhe seriam infligidos serviam um propósito? Talvez não fosse sequer possível fazê-lo regressar – ele mesmo dizia que já não percebia a vida do seu país –, e assim continuaria ele, apesar de tudo, na sua terra estrangeira, ressentido com os conselhos e distanciando-se um pouco mais ainda dos amigos. Se, por outro lado, ele seguisse realmente o conselho e se visse – não por acinte, é claro – oprimido pelas circunstâncias, incomodado com os seus amigos e incomodado sem eles, envergonhado, agora realmente sem pátria e sem amigos, nesse caso não seria muito melhor que ficasse no estrangeiro e continuasse como estava? Seria de supor que, dadas as circunstâncias, ele conseguiria seguir em frente aqui?

Por estas razões, se Georg queria preservar a relação de correspondência, não lhe podia transmitir nenhuma notícia propriamente dita, como se transmitiria sem cerimónia mesmo à mais distante relação. Havia já mais

de três anos que o amigo não visitava o país e oferecia desculpas muito insuficientes acerca da situação política da Rússia, que era incerta a ponto de, aparentemente, não permitir sequer uma brevíssima ausência de um pequeno homem de negócios, ao passo que centenas de milhares de russos andavam pelo mundo inteiro em tranquilidade. Já no caso de Georg, muito havia mudado ao longo destes três anos. Sobre a morte da mãe de Georg, havia cerca de dois anos, altura em que Georg passara a viver com o seu velho pai, o amigo ainda recebera notícia, tendo comunicado as suas condolências com uma secura que só se poderia explicar por, no estrangeiro, se tornar completamente inconcebível a tristeza suscitada por tal acontecimento. Ora, desde essa data, Georg dedicara-se com maior determinação ao seu negócio e a tudo o mais. Talvez o pai, em tempo de vida da mãe, o tivesse impedido de manter uma actividade autónoma, pois na loja só as suas próprias opiniões eram admitidas. Talvez o pai, desde que a mãe morrera, se tivesse tornado mais reservado, ainda que continuasse a trabalhar na loja, talvez um número de acasos felizes – era até bem provável – desempenhassem um papel ainda mais importante, fosse como fosse, nesses dois anos o negócio conhecera um crescimento inesperado, tiveram de duplicar o pessoal, o volume de vendas aumentou cinco vezes e o negócio continuaria sem dúvida a prosperar.

O amigo, porém, não fazia ideia desta mudança. Antes disso – a última vez fora talvez naquela carta de condolências –, tentara convencer Georg a emigrar para a Rússia, espraiando-se sobre as perspectivas que Petersburgo oferecia precisamente no ramo de negócio de Georg. Os montantes eram residuais comparados com

o volume que o negócio de Georg entretanto assumira. Mas Georg não tivera vontade de escrever ao amigo sobre os seus êxitos comerciais, e seria na verdade estranho fazê-lo agora, *a posteriori*.

Por esta razão, Georg limitava-se a escrever ao amigo sobre acontecimentos sem importância, daqueles que se acumulam desordenadamente na memória num domingo sossegado em que nos pomos a pensar. Não queria perturbar a imagem que o amigo, neste longo entretempo, certamente criara sobre a sua cidade natal e à qual se resignara. Aconteceu assim que Georg anunciou ao amigo, em três cartas bastante espaçadas, o noivado de um homem irrelevante com uma rapariga não menos irrelevante, até que por fim o amigo, contra todas as intenções de Georg, se começou a interessar por esta curiosidade.

A verdade é que Georg preferia de longe escrever-lhe sobre essas coisas do que confessar-lhe que ele mesmo, havia um mês, estava noivo de uma Fräulein Frieda Brandenfeld, uma rapariga de uma família abastada. Falava muitas vezes com a noiva sobre este amigo e a peculiar relação epistolar que com ele mantinha. «Então ele não virá sequer ao nosso casamento», dizia ela, «e no entanto eu tenho o direito de conhecer todos os teus amigos.» «Não o quero incomodar», respondia Georg, «vê se percebes, é provável que ele viesse, pelo menos parece-me, mas iria sentir-se coagido e lesado, talvez me invejasse e sem dúvida que voltaria sozinho para a Rússia, descontente e incapaz de pôr cobro a esse descontentamento. Sozinho – percebes o que isso é?» «Pois, e não achas que ele pode vir a saber do nosso casamento por outra via?» «É coisa que não posso impedir, mas com o estilo de vida dele é

improvável.» «Se tens amigos assim, tu próprio não deverias casar-te.» «Sim, isso é culpa de nós os dois, mas agora também não queria que fosse de outra maneira.» E quando ela acrescentou ainda, ofegante, por entre os beijos dele: «Na verdade, é uma coisa que me ofende», Georg concluiu que escrever ao amigo sobre tudo isto não teria nada de mal. «É assim que sou, e é assim que ele terá de me aceitar», dizia ele de si para si, «não posso tirar de dentro de mim um homem que talvez fosse mais adequada do que eu a manter uma amizade com ele.»

E, com efeito, na longa carta que escreveu nesta manhã de domingo, informou o amigo do noivado com as seguintes palavras: «Deixei a melhor novidade para o fim. Estou noivo de uma Fräulein Frieda Brandenfeld, uma rapariga de uma família abastada que só se instalou aqui depois da tua partida e que por isso mal debes conhecer. Ainda terei ocasião de te falar em mais pormenor sobre a minha noiva, por hoje basta que saibas que me sinto muito feliz e que as nossas relações só mudarão na medida em que, se até hoje tinhas em mim um amigo bastante comum, passarás agora a ter um amigo feliz. Além disso, terás na minha noiva, que te envia os seus cumprimentos e que dentro em breve te escreverá, uma amiga sincera, o que para um homem solteiro não é despiciendo. Sei que vários motivos te impedem de nos visitar, mas não será o meu casamento a ocasião certa para ignorar todos os entraves? Seja como for, decide sem cerimónias e apenas de acordo com o que seja melhor para ti.»

Com esta carta na mão, o rosto voltado para a janela, Georg ficou muito tempo sentado à sua secretária. Quase não respondeu a um conhecido que lhe acenou ao passar na rua, dirigiu-lhe apenas um sorriso ausente.